



O VALOR E A VIDA ESPIRITUAL DAS CRIANÇAS

Relatório Final

98ª Assembléia Internacional

Comitê de Doutrina Bíblica e
Governo da Assembléia
Igreja de Deus da Profecia



O Valor e a Vida Espiritual das Crianças

Prefácio

Este escrito tem o propósito de contribuir para o desenvolvimento de uma declaração teológica sã e concisa com respeito ao valor das crianças e à vida espiritual das mesmas na Igreja de Deus da Profecia (IDP) em nível mundial. A tarefa encomendada para o Comitê de Assembléia de Doutrina Bíblica e Governo (DBG) e para o Comitê do Ministério Internacional de Crianças (MIC) é de caráter multifacetário, especialmente quando se considera as muitas culturas, países e etnias que operam na IDP.

Introdução

As realidades e os desafios que a igreja enfrenta hoje, com respeito aos valores e à atitude da cultura atual para com as crianças, não se diferenciam das realidades e desafios com os quais o povo de Deus enfrentou com relação às crianças na Bíblia. As crianças são, e continuam sendo, as pessoas mais singelas, débeis e vulneráveis da sociedade. São presas fáceis da exploração, e são as principais vítimas do abuso emocional, físico e sexual. Frequentemente, também são silenciadas, tratadas como ignorantes ou inferiores, e tidas por cidadãos de segundo classe na sociedade. Embora se tenha alcançado certo progresso à luz dos direitos das crianças, existe ainda, a aceita norma cultural de ignorar “estes pequeninos”. Às vezes a igreja tem permitido que a cultura dite qual tem de ser nosso conceito de crianças, até mesmo ao ponto de limitar nosso conceito sobre o lugar das crianças no reino de Deus. Como membros do corpo de Cristo, afirmamos que os seres humanos são uma criação única e distinta de Deus, já que cada pessoa é criada à imagem de Deus (Gênesis 1:27). Contudo, embora afirmemos a imagem de Deus nas crianças, é possível que não as valorizemos como pessoas, nem tampouco sua vida espiritual. Esta falta de integração se faz evidente nos modelos de ministério que se empregam na igreja de hoje.

A meta deste projeto é desafiar a cada pessoa e a igreja a avaliarem sua perspectiva atual do valor e da vida espiritual das crianças, de maneira que essa perspectiva reflita o compromisso de Deus com cada criança. À medida que uma criança amadurece emocional, física e mentalmente, deve-se lhe dar também os recursos [necessários] para que amadureça espiritualmente. Esta investigação examinará o testemunho da Bíblia, da história e da práxis com o objetivo de desenvolver uma teologia sã para a Igreja de Deus da Profecia concernente ao valor e à vida espiritual das crianças. A seção sobre o testemunho da Bíblia tem o objetivo de apresentar [alguns] exemplos das crianças na Bíblia, e explicar a perspectiva de Deus. Também explicará a importância de Deus ter se feito criança, além de explicar como Jesus tratou as crianças no Novo Testamento. A seção sobre o testemunho da história analisará o conceito que a igreja tem tido das crianças através da história, especialmente nos primeiros anos da IDP. A seção sobre a práxis do testemunho dará provas específicas de que deve ser dada às crianças uma formação espiritual, e de que podem receber a salvação, serem batizadas [na água], serem cheias do Espírito Santo, e ministrarem no corpo eclesial e na comunidade. Estes três aspectos são as pedras angulares sobre as quais se baseia uma teologia que certamente valoriza as crianças e a vida espiritual delas. [N. do T.— Neste documento, a menos que se indique o contrário, as citações bíblicas são da versão Revista e Corrigida de Almeida].

O Testemunho da Bíblia

As Crianças à Imagem de Deus

Desde os primeiros instantes da existência da humanidade, podemos ver a realidade de uma grande diferença que existe entre os seres humanos e o resto da criação. Esta sublime distinção foi uma decisão tomada no concílio eterno do Deus Trino.

E disse Deus: E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. (Gênesis 1:26).

Adão e Eva foram criados à imagem de Deus. Estas palavras dão em seguida, o contexto da relação da humanidade com Deus e com o resto da criação. Havia uma possibilidade única de uma relação e liderança sobre a criação. Ao mesmo tempo, havia um potencial para a intimidade e relação pessoal com o próprio Deus. A humanidade, embora vivesse completamente no âmbito terreno, também era capaz de ter comunhão com o âmbito celestial.

No Salmo 8:4, 5, Davi reflete nestas perguntas sobre a atenção especial que Deus dá à humanidade:

Disse: que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos e de glória e de honra o coroaste.¹

Embora se encontrasse estupefato pelo interesse de Deus pela humanidade, Davi proclama que Deus a coroou de glória. Para Davi, esta não era apenas uma realidade passada, mas também presente. Deus continua coroando a humanidade de glória. Isto parece apontar para a eterna importância que Ele confere a cada membro da raça humana. Deus se deleita conosco muito mais que com o resto da criação terrena, e nos atende e cuida fielmente. No Salmo 139:15, 16, à medida que Davi continua procurando compreender seu valor, revela-nos o alcance deste interesse incondicional da parte de Deus:

Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe, e no teu livro todas estas coisas foram escritas, as quais iam sendo dia a dia formadas, quando nem ainda uma delas havia.²

A atenção de Deus começou desde antes do nascimento de Davi, e incluiu cada dia de sua vida. Deus já o conhecia como o piedoso rei de Israel, como o homem que estava disposto a ceder à tentação, e como o jovem pastor de ovelhas. A atenção de Deus foi contínua e decisiva. Contudo, Davi não é um caso isolado tampouco um caso único. De igual modo, Deus se interessa por todas as pessoas. Este interesse não se baseia no sexo, raça ou idade. Nunca nos encontraremos com um ser humano pelo qual Deus não se interesse eternamente. Semelhante a todos os [demais] seres

humanos, as crianças foram criadas à imagem de Deus. Ele as ama porque são criação Sua, sem se importar com a idade que tenham. Esta é a base de nosso valor como seres humanos: nosso Criador nos ama de maneira inigualável.

A Mordomia das Crianças

Esta posição inigualada da humanidade é descrita como a de um mordomo. Fomos colocados aqui para agirmos no nome de Deus, com Sua criação, a fim de edificar, servir e governar para Ele. Nesta posição exaltada há uma enorme responsabilidade, e teremos que prestar contas por ela. No entanto, todas as coisas são possessão de Deus.

“Do SENHOR é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam” (Salmo 24:1).³

Isto inclui as crianças nesta relação de mordomia. Verdadeiramente, as crianças não são “nossas”. Não somos proprietários, mas mordomos. Deus tem colocado as crianças sob o cuidado dos adultos a fim de cumprir assim Seu propósito. Jesus revela esta realidade quando, aos doze anos de idade, Ele compreende que Maria e José eram os mordomos do Pai. Lucas declara que Jesus continuou sujeito à liderança deles como mordomos:

E ele lhes disse: Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai? E eles não compreenderam as palavras que lhes dizia. E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito... (Lucas 2:49-51).

Este conceito de mordomia, ao invés de possessão, apresenta um desafio às pressuposições culturais da criança e para compromisso da igreja para com as crianças. Prestaremos contas por toda nossa mordomia, incluindo nossa mordomia com as crianças. Isto é descrito claramente em Mateus 25:19 na parábola dos talentos: “E, muito tempo depois, veio o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles”.

Acaso há algo que seja mais importante que servir e cuidar destes pequeninos que carregam a imagem de Deus? Acaso não são elas também os agentes de Deus para a edificação de Seu reino?

Deus como Protetor e Defensor

Deus é um Criador atento que responde às situações difíceis das crianças. No Antigo Testamento, há numerosas referências para infanticídio, para sacrifício de crianças, e inclusive para canibalismo infantil em tempos de guerra.⁴ As Escrituras dizem claramente que Deus aborrece tais práticas, e que as mesmas se originaram por causa da maldade do ser humano. Entretanto há dois casos que demonstram a vontade de Deus de salvar a vida das crianças através da combinação de esforços divinos e humanos.

O primeiro exemplo é o caso de Ismael, o primogênito de Abraão. Ismael foi produto da má interpretação — por parte de Abraão— do pacto e da promessa de Deus. Mais tarde, o menino Ismael foi expulso da casa de seu pai terreno e, por isso, esteve a ponto de morrer no deserto. Todavia, Deus não o ignorou:

E ouviu Deus a voz do menino, e bradou o Anjo de Deus a Agar desde os céus e disse-lhe: Que tens, Agar? Não temas, porque Deus ouviu a voz do rapaz desde o lugar onde está. (Gênesis 21:17).

O versículo 16 declara que Agar era quem estava chorando, porém Deus foi movido à misericórdia por causa da voz de Ismael. O nome de Ismael significa “Deus ouve”; então há um poderoso significado profético para a vida deste menino. Esta história é importante porque demonstra o amor de Deus por todas as crianças, e não só por aquelas que acreditamos serem mais importantes ou dignas. Neste relato, “Deus faz parte da vida de uma criança não escolhida”.⁵

O segundo exemplo é o povo escolhido de Deus, os israelitas. Em Êxodo 1 nos encontramos com o infanticídio dos varões hebreus, realizado pela ordem de Faraó, o qual temia o potencial das futuras gerações. Faraó ordenou as parteiras a matarem a todos os meninos hebreus no momento do nascimento. Todavia, as parteiras arriscaram-se ao não obedecer àquela ordem porque temiam a Deus. Êxodo 1:20 diz que Deus coroou de bênçãos as parteiras por este corajoso ato de aliarem-se com Ele na proteção das crianças.

No exemplo do menino não escolhido, e no exemplo das crianças escolhidas, vemos que Deus não mostra parcialidade no que concerne a defesa dos membros mais vulneráveis da sociedade. O Salmo 82:3, 4 nos faz esta exortação: “Defendei o pobre e o órfão; fazei justiça ao aflito e necessitado. Livrai o pobre e o necessitado; tirai-os das mãos dos ímpios.”. O comportamento de um adulto para com as crianças deve imitar o comportamento de Deus para com as crianças. Deus deseja e “necessita” instrumentos humanos para o cuidado das crianças em situações de perigo, sem importar a raça, classe social ou o sexo. Se Agar não tivesse velado por seu filho [Ismael], ou se as parteiras [egípcias] não tivessem perdoado a vida dos meninos hebreus, o destino destas crianças e de suas famílias teria sido muito diferente. Por fim, como igreja, não só devemos nos considerar como os agentes através dos quais Deus opera, mas como Faraó, devemos também ver o potencial que as crianças trazem para nossa comunidade. Sem dúvida, diferente de Faraó, devemos oferecer vida em vez de morte (espiritual).

As Crianças [são] Separadas

Como Deus usa os adultos para realizar a obra do reino neste mundo, Ele também escolhe as crianças para realizar o plano divino. Em várias ocasiões, as crianças foram separadas para um propósito específico que estava ligado ao destino de Israel. Em Êxodo, se dá ênfase ao nascimento e resgate de Moisés, cuja vida está intimamente ligada à história de Israel. Miriã, a irmã de Moisés, é usada por Deus para garantir o bem estar de Moisés após ter sido tirado das águas do Nilo pela filha de Faraó. Ela conseguiu isto por sua coragem ao falar com a filha do opressor. O papel que Miriã desempenhou na vida de seu irmão também teve um efeito eterno no destino dos hebreus.

A história da mulher estéril e a intervenção de Deus para dar-lhe filhos é um tema comum no Antigo Testamento. Tanto Sansão como Samuel são produtos desta tradição, e ambos foram separadas para um propósito. Sansão, desde sua infância, foi separado por Deus para dar início à libertação de Israel do jugo filisteu. A eleição de Sansão, por parte de Deus, deveria ser ilustrada mediante seu compromisso com o voto de nazireu por toda sua vida (Juízes 13:4, 5). Portanto, podemos ver Deus agindo na vida de Sansão desde uma tenra idade.

Samuel também foi separado desde uma tenra idade, em uma época sombria na história de

Israel. Em 1 Samuel 3:1 lemos especificamente que “... a palavra do SENHOR era de muita valia naqueles dias; não havia visão manifesta”. Todavia, Deus fala diretamente para a criança Samuel para confirmar a profecia de juízo que foi dada para o sumo sacerdote Eli. Este acontecimento revela que, desde criança, Samuel foi usado por Deus no ofício de profeta, que iria exercer pelo resto de sua vida.

Estes dois exemplos enfatizam ainda mais que Deus decide separar as crianças para um propósito divino. Em ambos os casos, não se pode ignorar o papel que estas crianças desempenharam na vida de Israel. Não devemos nos surpreender com o fato de Deus falar com as crianças. E nós, como igreja, devemos educá-las para que tenham a capacidade de reconhecer essa voz, o que as permite participar da vida de nossa comunidade de fé.

Deus conosco

O Verbo se fez carne e habitou entre nós (João 1:14). A realidade da encarnação, que Deus veio a ser um de nós, aumenta nossa compreensão do valor e da dignidade do ser humano. O Deus eterno veio a ser um bebê vulnerável durante uma época perigosa para os bebês varões (Mateus 2:16-18). Deus não somente decidiu tornar-se um ser humano, mas se tornou um bebê que passaria pelas etapas da infância, compreendendo a plenitude da experiência humana. Ele iria experimentar as “dores do crescimento” próprios da infância — incluindo suas crises, processo de aprendizagem e maturidade emocional e espiritual. Lucas 2:40 nos diz que “E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele”.

Embora a fé cristã tenha utilizado a encarnação para dizer que cada ser humano tem dignidade e valor, frequentemente as crianças são deixadas de fora desta equação devido a que se dá muita pouca ênfase para a criança Jesus.⁶ Não obstante, devemos entender que as crianças — desde o nascimento até o fim da infância— têm a mesma dignidade e valor que os adultos. Não é casual o fato de Deus decidir participar de todas as nossas experiências humanas. O fato de que Deus, o Criador do universo, se fez criança nos leva a reconhecer o valor das crianças (que estão) entre nós. Assim que, a encarnação leva implícita a afirmação do valor que Deus dá a todos os seres humanos, porém destaca de maneira especial a dignidade das crianças.⁷

As Crianças e o Reino de Deus

Os evangelhos registram as declarações de Jesus concernentes à pergunta: “Quem é o maior no Reino dos céus?” (Mateus 18:1-5; Marcos 9:33-37; Lucas 9:46-48). No mundo romano, a noção de “grandeza” ou de ser “o maior” tinha a ver com o prestígio, as riquezas e o poder da Elite imperial. A reação dos discípulos para com as crianças e os bebês que eram trazidos a Jesus (Lucas 18:15-17) demonstra que seu conceito sobre as crianças não se diferenciava muito do conceito romano. Não concebiam que os bebês ou crianças tivessem valor suficiente para ser prioridade na apertada agenda de Jesus. Parece que os viam como um estorvo que deveria ser tirado do meio deles. Jesus contesta a pergunta “Quem é o maior?” com a ilustração de uma criança. Ele aceita em Seu reino os humildes, os que servem aos demais, e aos mais pequeninos. Jesus está fazendo uma declaração surpreendente e anticultural ao colocar uma criança no meio deles, a quem consideravam como “excluído da sociedade adulta e masculina, impotente, sem recursos econômicos, vulnerável, imprevisível, ameaçador (e) submisso”.⁸

Esta contestação certamente causou uma grande surpresa aos que o ouviam. O reino [dos céus] é composto daqueles que retêm a fé simples e a humildade. Todos os adultos e as crianças que possuem esta fé simples, são recebidos em Seu reino. Portanto, as crianças continuam sendo exemplo do tipo de coração que se requer para entrar no reino.

A igreja de hoje também pode ver as crianças como seres inoportunos que não podem compreender plenamente o evangelho de Deus. Porém, Jesus nos convida hoje a redefinir nosso conceito sobre o reino de Deus. O reino de Jesus não consiste daqueles a quem o mundo considera como dignos, mas daqueles que aceitam ser humildes e servos, sem importar a idade que tenham. Para ser participantes do Seu reino, temos que ser “como crianças”.

O Testemunho Histórico

A Igreja Antiga e as Crianças

Em contraposição com a condição desvalorizada das crianças no mundo antigo, a igreja antiga considerava que a introdução das crianças na vida da igreja tinha uma importância vital. Está claro, o processo de introdução começava com o batismo e a participação na Eucaristia. Porém, a Reforma questionou e mudou os conceitos das práticas sacramentais da igreja na tradição protestante, no que diz respeito às crianças.

Os escritos dos primeiros pais da Igreja contêm uma grande quantidade de informação que deu forma à doutrina da igreja com respeito a um lugar para as crianças na tradição cristã. Gregório de Nacianceno escreveu: “Vocês têm crianças pequenas? Não permita que o pecado tenha a oportunidade de apoderar-se delas. Deixe que a criança seja santificado desde a infância; deixe que o Espírito o consagre desde uma idade tenra”.⁹ Com respeito à obra salvífica de Cristo, Ireneu disse:

Porque veio salvar a todos: quando digo a todos, e todos quantos por ele renascem para Deus, sejam bebês, crianças, adolescentes, jovens ou adultos. Por isso quis passar por todas as idades: fê-las bebê como os bebês, a fim de santificar os bebês; criança como as crianças, a fim de santificar sua idade [...] para ser o Mestre perfeito de todos, não só com respeito ao ensino da verdade, mas também com respeito a todas as etapas da vida.¹⁰

João Crisóstomo é considerado o mais prolífico dos primeiros pais da Igreja. Ficou órfão ainda muito pequeno, e foi criado com uma formação cristã, que teve uma grande influência em sua vida e em seu interesse pelo bem estar das crianças. Ele disse: “Ter filhos é uma questão da natureza, mas criá-los com valores é uma questão da mente e da vontade”.¹¹ Falou contra a indiferença para com as crianças na sociedade, já que esta as considerava como simples piões na busca individualista das riquezas e do poder. Também fez este apontamento:

A ruína da sociedade se origina nesta indiferença para com as crianças. Muitos procuram preservar suas posses, porém não procuram preservar as almas que têm sob seu cuidado.¹²

A opinião teológica de Crisóstomo (em particular) e da igreja antiga (em geral) retrata se na seguinte declaração de Crisóstomo:

A negligência [na educação] dos filhos é um dos pecados mais graves, e é o mais alto grau de impiedade. E para não dar a aparência de que estou chegando a conclusões infundadas, vou demonstrar com a experiência, para que saibam que, embora tenhamos todas as coisas [materiais] que necessitamos, e as tenhamos organizado lindamente, estaremos sujeitos ao pior dos castigos se não cuidarmos da salvação de nossos filhos.¹³

O Enfoque dos Reformadores para Ministério de Crianças

De muitas maneiras, os reformadores da igreja do século XV têm deixado rastros indeléveis na missão e no ministério da igreja universal. As famílias cristãs e suas crenças, estilos de vida e práxis têm recebido essa influência desde então até a época atual. Por trás do cisma da Igreja católica, e por que as crianças eram vistas como a esperança de sua posteridade, os reformadores—como Lutero, Calvino, Zwinglio e [Menno] Simons— tinham o interesse de que elas fossem criadas e educadas nos sãos princípios bíblicos.

Os primeiros reformadores, Lutero, Calvino e [Menno] Simons sustentaram categoricamente que os filhos tinham a responsabilidade de honrar, respeitar, obedecer e ajudar seus pais. Além disso, sustentavam que os pais tinham igualmente o dever de amar, criar e disciplinar seus filhos; isto era necessário a fim de proteger os filhos e construir uma comunidade estável, especialmente por causa do cisma. Cabe mencionar que tal responsabilidade incluía as crianças concebidas e nascidas fora do matrimônio. Esperava-se que os pais “piedosos” criassem seus filhos no físico e no espiritual; isto incluía uma disciplina estrita, porém compassiva. Calvino escreveu: “A menos que os homens considerem seus filhos como presentes de Deus, serão [pais] negligentes e estarão pouco dispostos a prover o seu sustento” (citado na Pitkin, pág. 171).

A Afirmação do Valor das Crianças na história da Igreja de Deus da Profecia

Desde seu início, a Igreja de Deus da Profecia tem tido as crianças em alta estima. Já para 1906 podem-se encontrar discussões sobre o discipulado infantil em uma Assembléia oficial. Estes primeiros diálogos incluía discussões sobre a Escola Dominical ou algum outro [ministério] auxiliar. Porém, a partir do contexto, é evidente que as crianças eram o foco principal:

Estamos a favor deste serviço importante como um meio para ensinar as crianças a reverenciarem a Palavra de Deus e a casa de adoração, e também para elevar a moral da comunidade. Portanto, parece bem a esta Assembléia recomendar, aconselhar e exortar a cada igreja local a que celebre a Escola Dominical a cada domingo, durante todo o ano.¹⁴

À medida que a igreja se expandia rapidamente, também ampliava suas ideias e conceitos com respeito às crianças. Embora a Igreja de Deus da Profecia estivesse lançando raízes nas áreas rurais do sudeste dos Estados Unidos, onde, durante um tempo em que a cultura desta região acreditava que as crianças requeriam muita pouca atenção, a igreja se encontrava na contra mão da norma cultural. Um bom exemplo do desenvolvimento deste conceito encontra-se em um sermão de A. J. Lawson. Seu sermão, pronunciado ante a Assembléia de 1912, é notável por suas ideias progressivas sobre as crianças na Escola Dominical, a quem compara com um canteiro cheio de plantas jovens e tenras. Talvez, suas declarações mais surpreendentes sejam aquelas nas quais

crítica a “ideia superficial” de que se alcança uma meta adequada se se consegue fazer com que as crianças fiquem sentadas e quietas para ouvir a lição. Ele vê nas crianças o melhor de uma semente valiosa, que ao se dar a atenção devida, chegará a ser uma grande colheita. A seguir apresentamos uma porção de seu discurso:

Começarei com uma pergunta. Que relação tem a Escola Dominical com a igreja? É o “canteiro” da igreja. Nunca havia percebido a necessidade de um “canteiro” até que visitei uma grande floricultura. O encarregado da mesma me disse que as sementes são tiradas dos frutos, para logo semeá-las. Eles dependem da germinação para obterem o fruto. Desde então, tenho pensado que devemos trazer para a Escola Dominical todo o “material” que pudermos encontrar, e [logo] veremos se não podemos formar homens e mulheres firmes de caráter limpo e puro para Cristo. Em alguns poucos anos, a igreja buscará novos membros dentre as filas da Escola Dominical. Os professores não estão prestando atenção suficiente à salvação de seus pupilos. Pensa-se que tudo correrá bem sempre e quando a classe tiver uma pessoa diante dela, e as crianças não se comportem muito mal. Tal ideia, todavia, é de caráter equivocado. O professor tem em suas mãos as vidas de meninos e meninas, os quais se assentarão, um dia, em cadeiras de autoridade, e a vida, no futuro, depende, maiormente do treinamento [recebido] na Escola Dominical.¹⁵

A partir deste momento, deu-se muita ênfase e impulso às escolas dominicais como um meio para alcançar as crianças. Apenas um ano depois disto —na Assembléia de 1913—, a igreja começou a sentir uma grande carga e se submeteu ao Espírito Santo, o qual produziu gemidos, lágrimas e orações pelo alcance das crianças. A igreja oficial queria uma Escola Dominical em cada povo.

Por detrás destes primeiros anos, a Igreja de Deus criou e propôs muitas maneiras de alcançar as crianças com o evangelho de Jesus Cristo. Foram criados e promovidos programas como “Matrícula Infantil”, “Grupo de Juniores”, “Escolas Bíblicas de Férias”, “Grupo de Líderes Vitoriosos” e os acampamentos de jovens. As crianças sentiram-se animadas e esperavam receber as plenas bênçãos de Deus.

Na [segunda] epístola de Paulo a Timóteo há uma clara indicação da importância de se criar os filhos na fé. Quando o pai espiritual de Timóteo fala da fé “a qual habitou primeiro em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice” (2 Timóteo 1:5, RVA 1909), faz uma clara alusão aos benefícios de expor as crianças a [para temor de] Deus desde uma tenra idade. Em muitas áreas da IDP, temos tido uma maravilhosa tradição de criar e formar as crianças em Jesus Cristo. Muitos de nossos maiores líderes são frutos do grande valor que temos atribuído às crianças em nossa comunidade da fé. Graças a Deus, temos uma robusta tradição de ministrar as crianças e reconhecer o valor delas. Contudo, para sermos sinceros, temos que reconhecer que não temos tido a mesma diligência nos tempos recentes. Portanto, temos que continuar promovendo uma maior consciência do discipulado intencional e da necessidade de prover melhores instalações e ministros para as crianças. Além disso, devemos prover um entorno e atitude de aceitação que reconheça o imensurável valor das crianças para Deus, para nossas famílias, para esta igreja, e para nossas comunidades.

O Testemunho da Práxis

A Presença e a Obra de Deus: Concepção, Infância e Apresentação de Crianças

A concepção não é somente o começo da vida física de uma criança, mas também é o começo de sua vida espiritual. Através das Escrituras nos encontramos com exemplos desta verdade. O Senhor disse a Jeremias: “Antes que eu te formasse no ventre, eu te conheci; e, antes que saíesses da tua mãe, te santifiquei” (Jeremias 1:5). E Davi declara: “Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe, e no teu livro todas estas coisas foram escritas, as quais iam sendo dia a dia formadas, quando nem ainda uma delas havia.” (Salmo 139:16,). Isaías 49:1 diz: “O SENHOR me chamou desde o ventre, desde as entranhas de minha mãe, fez menção do meu nome”. A partir destes versículos bíblicos, entendemos que Deus está presente e que está agindo mesmo antes do nascimento de uma criança. Por causa deste conceito bíblico, a igreja pode proclamar o valor, e proteger a vida dos que estão por nascer.

A infância é um tempo para que os pais e o criança desenvolvam uma relação de confiança. Tal relação se desenvolve mediante carinhos, tom de voz amável e reações apropriadas e oportunas às necessidades físicas da criança. Uma sólida relação entre o bebê e seus pais estabelece o fundamento para todas as relações [interpessoais] futuras. À medida que os pais desenvolvem esta relação de confiança para suprir as necessidades físicas da criança, também devem prestar atenção ao seu desenvolvimento espiritual.

A igreja também tem um papel importante a desempenhar durante a infância. Ela provê apoio e direção aos pais de bebês e crianças pequenas. Ela declara o amor de Deus pela criança para prover um entorno seguro e amoroso onde são supridas suas necessidades e se ensinam—mediante métodos apropriados para sua idade— as verdades fundamentais sobre quem é Deus.

A apresentação de crianças reflete o compromisso dos pais para com o desenvolvimento espiritual da criança. É uma cerimônia onde os pais crentes, e às vezes famílias inteiras, se comprometem diante do Senhor sujeitar a criança à vontade de Deus, e a criá-la em conformidade com a Palavra de Deus e Seus caminhos. Embora a dedicação de crianças não seja um mandamento bíblico, podemos ver um exemplo na dedicação do menino Samuel por parte de sua mãe Ana. Ela, de maneira intencional, devolveu seu filho para o Senhor, em cumprimento a um voto que fez enquanto orava no tabernáculo (1 Samuel 1:11). As palavras ditas por Ana, quando trouxe seu filho para o sacerdote Eli, expressam aquilo que deve ser o desejo sincero dos pais crentes. “Por este menino orava eu; e o SENHOR me concedeu a minha petição que eu lhe tinha pedido. Pelo que também ao SENHOR eu o entreguei, por todos os dias que viver” (1 Samuel 1:27, 28, RVA 1909). A apresentação de crianças consiste em um compromisso que os pais contraem, diante da comunidade da fé, de aceitar sua responsabilidade bíblica de amar a Deus, guardar Seus mandamentos em seus corações, e ensinar seus filhos por meio da instrução e exemplo diários (Deuteronômio 6:4-7).

A apresentação de crianças também permite que a comunidade da fé cumpra com seu compromisso e responsabilidade para com a criança. Existem passagens do Antigo e do Novo Testamento que nos ajudam a entender que a comunidade da fé (a igreja local) deve envolver a família e dar amor, apoio e direção. A comunidade da fé tem a responsabilidade de contar à geração vindoura (crianças e jovens) as obras de Deus (Salmo 78:4). Tem a responsabilidade de ajudar as crianças a alcançarem a maturidade espiritual (Efésios 4:12, 13). E também tem a responsabilidade de

preparar os pais para a obra do serviço para qual Deus os tiver designado, a fim de criar seus filhos na disciplina e admoestação do Senhor (Efésios 4:12; 6:4).

A apresentação de crianças não garante sua salvação. Uma criança não tem a capacidade de entender o que significa o pecado, o perdão e o sacrifício que o Salvador fez por nós, nem o que significa ter uma relação pessoal com Jesus Cristo. A apresentação de crianças representa um compromisso que a família da criança e a congregação contraem. Não é uma decisão tomada pela criança; e, portanto, não se pode considerar como uma consequência da salvação. Só quando a criança compreender que ele/ela é um pecador, admitir voluntariamente seu pecado, e crer em Jesus como seu Salvador, poderá ser batizado em testemunho de sua decisão pessoal de seguir a Cristo.

A gravidez, o nascimento e a infância são ocasiões importantes onde a igreja local pode avaliar o valor das crianças e confirmar a obra de Deus em suas vidas. Este conceito da presença e obra de Deus na vida dos que ainda vão nascer, e das crianças, faz o seguinte:

Provê um fundamento bíblico para que a igreja proclame e proteja o valor e a vida dos que ainda vão nascer.

Oferece aos pais, mediante o processo de apresentação da criança, a oportunidade de compreender e aceitar sua responsabilidade bíblica (Deuteronômio 6:4-9; Efésios 6:4), e comprometerem-se publicamente a cumprir com esta responsabilidade.

Oferece à igreja a oportunidade de celebrar a vida e comprometer-se publicamente a reunir esforços com os pais para cultivar a fé [presente] na alma de cada criança.

Manda a igreja cumprir com seu papel de preparar as famílias cristãs para a “obra do ministério” que Deus tem para eles, isto é, a formação espiritual de seus filhos (Efésios 2:10; 4:12; 6:4). A igreja aceita a responsabilidade bíblica de prover orientação, ferramentas pertinentes, e um sistema de apoio relacional às famílias que estão por ter filhos e para as que estão por adotar, igual que para as famílias com crianças pequenas.

Manda a igreja afirmar o valor e a vida espiritual das crianças pequenas mediante a provisão da instrução bíblica [que seja] apropriada para sua idade, realizada em um ambiente amoroso e seguro.

A Resposta da Criança

Salvação

Deus deseja [ter] uma relação com cada criança, e está chamando a todas as crianças. Mesmo as crianças que não foram expostas ao ensino bíblico podem perceber a presença e o amor de Deus mediante a criação (Salmo 19:1-3), as circunstâncias e as relações [interpessoais].

Uma criança pode ser salva? Um passo importante para responder à presença e obra de Deus é a confissão de pecado e o arrependimento que traz salvação. Alguns indivíduos questionam o fato de que uma criança pode ser salva. Duvidam que uma criança tenha a capacidade intelectual ou compreensão espiritual para entender as verdades bíblicas da salvação. Qual é o requisito para ser salvo? Em Mateus 18:6 Jesus descreve as crianças como “estes pequeninos que crêm em mim”. Quando o carcereiro de Filipos perguntou a Paulo e a Silas: “Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?” Paulo respondeu: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa.” (Atos 16:30, 31). De acordo com este versículo, e outros como João 3:16, o requisito para sermos salvos de nossos pecados é crer em Jesus. Se as crianças podem crer (Mateus 18:6), então quer dizer que as crianças podem ser salvas.

Por que as crianças precisam ser salvas? Romanos 3:23 confirma que todos somos pecadores, inclusive as crianças. As crianças têm herdado uma natureza pecaminosa devido à desobediência de Adão (Romanos 5:12). Por causa da natureza pecaminosa, os indivíduos —incluindo as crianças— cometem ações pecaminosas.

Como uma criança pode ser salva? As Escrituras nos ensinam que quando temos consciência de nossa pecaminosidade, temos que responder corretamente (Atos 2:37; 16:30). O arrependimento é a resposta correta da criança ao perceber sua pecaminosidade consciente e deliberada. O arrependimento precede a mudança do coração e do estilo de vida. As crianças podem confessar seus pecados a Deus. A fim de pôr o fundamento bíblico que capacita a criança a responder apropriadamente à consciência de pecado, devemos ensinar as seguintes verdades bíblicas:

Quem é Deus, incluindo a santidade e o amor de Deus

A natureza do pecado e a necessidade de um Salvador

A provisão feita através da morte de Cristo na cruz

A resposta que a criança deve dar

A segurança da salvação

Experimentar uma Vida Santificada

A palavra grega para ‘santificar’ é hagiazo, que significa ‘separar’ ou ‘apartar’. Através da Bíblia, especialmente no Antigo Testamento, as pessoas, os lugares e os objetos eram separados por Deus com o fim de que Seus propósitos fossem alcançados. As crianças que crêm são também “separadas” mediante a santificação. (Veja na seção “O Testemunho da Bíblia”, a subseção intitulada “As Crianças [são] Separadas”).

Embora sejam “separadas” por meio da santificação, as crianças continuavam experimentando uma luta interior. É uma luta entre sua natureza dirigida pelo Espírito (que quer agradar a Deus) e sua natureza egocêntrica (que quer fazer o que [simplesmente] resulte em prazer). Paulo entendia este conflito, e o descreveu em Gálatas 5:17 da seguinte maneira:

“Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; e estes opõem-se um ao outro; para que não façais o que quereis.”

Este conflito interior pode ser prejudicial para as crianças crentes. A luta contra o pecado pode fazê-las duvidar de sua salvação e de sua capacidade de viver uma vida que agrada a Deus. Para que as crianças possam experimentar a vida cristã vitoriosa e chegar a ser plenamente maduros, têm que compreender o papel que desempenham na santificação e participar plenamente do processo de santificação.

Embora a santificação seja uma obra que Deus realiza continuamente no coração da criança, a criança tem a responsabilidade de se dispor no processo de santificação. A criança crente tem que aprender a entregar sua vontade a Deus para que Ele tenha o senhorio sobre as áreas particulares de sua vida. Mediante a oração de arrependimento, as crianças podem limpar-se dos pensamentos, desejos, atitudes e atos pecaminosos. As crianças podem colaborar com Deus no processo do crescimento espiritual para participar das disciplinas espirituais como a oração, a leitura da Palavra de Deus, a adoração, o serviço, o jejum, os retiros, etc.

As crianças podem aprender o que é a tentação e como responder à mesma. As crianças podem aprender por que às vezes “cedem” à tentação. Pode-se usar estas experiências para ajudá-las a entender, confessar e afastarem-se dos maus desejos que podem sentir no coração. As crianças podem aprender a responder corretamente à tentação, e também podem aprender a responder corretamente quando pecam.

Viver uma Vida Cheia do Espírito

As crianças que crêem podem viver uma vida cheia do Espírito. Cada criança que crê tem a presença do Espírito Santo em sua vida. Quando uma criança aceita a Jesus Cristo como seu Salvador e recebe de Deus o presente da salvação, o Espírito Santo vem morar em sua vida. (As passagens bíblicas que confirmam esta verdade incluem: Romanos 8:9; 1 Coríntios 6:19; e 2 Timóteo 1:14.)

O Batismo do Espírito Santo

Joel profetizou sobre o derramamento do batismo do Espírito Santo, dizendo: “E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas, naqueles dias, derramarei o meu Espírito.” (Joel 2:28, 29). Esta profecia, que se cumpriu primeiramente no dia de Pentecostes depois da volta de Jesus para céu, declara simplesmente que o batismo do Espírito Santo é para todas as pessoas, incluindo as crianças. Os pais, pastores e pessoas que ministram as crianças na igreja local devem preparar os corações delas para receberem o batismo do Espírito Santo.

As crianças podem entender as verdades sobre o batismo do Espírito Santo. Conte-lhes histórias bíblicas sobre a obra do Espírito Santo e do batismo do Espírito Santo.

Conte histórias de crianças que receberam recentemente o batismo do Espírito Santo, e histórias sobre a obra do Espírito Santo nas vidas das crianças.

Crie um ambiente de adoração [a Deus] que permita às crianças se concentrarem em Deus e expressarem livremente sua adoração a Ele.

O Espírito Santo vem a nós quando pedimos com fé. Aumente a fé das crianças ao recordar-las que Deus deseja lhes dar o batismo do Espírito Santo. Exorte-as a orarem pedindo o dom do batismo do Espírito Santo. Use a ilustração bíblica de Lucas 11:9-13 para exortá-las a crer que Deus responderá essa petição.

Convide as crianças a receber o dom do batismo do Espírito Santo. Frequentemente, o temor e a dúvida nos impedem de convidarmos as crianças a receberem o batismo do Espírito Santo. Temos medo de que as crianças não respondam, ou de que não saibamos como orar com elas, ou de que as crianças que respondam positivamente sejam decepcionadas. Não obstante, é Deus quem tem a responsabilidade de batizar as crianças no Espírito Santo. Como pais, pastores e ministros de crianças temos que fazer nossa parte: ensinar as verdades bíblicas, criar um ambiente de adoração e expectativa, e convidar as crianças a receberem o que Deus tem preparado para elas.

Experimentar a Vida Cheia do Espírito

As crianças podem experimentar a vida cheia do Espírito ao examinar o fruto do Espírito em suas vidas. A Palavra de Deus nos diz em Gálatas 5:22 que o Espírito Santo produz o bom fruto em nossas vidas. As crianças podem colaborar com Deus para permitir que o fruto do Espírito Santo germine em suas vidas.

As crianças podem experimentar a vida cheia do Espírito à medida que reconhecem e exercem os dons espirituais que Deus lhes dá para servirem aos demais. Temos que:

*Prover às crianças uma gama de oportunidades diversas para poderem começar a reconhecer seus dons espirituais.

*Assegurar-nos de que estas oportunidades comecem e terminem com oração, de modo que as crianças entendam que os dons espirituais só têm eficácia se dependermos da obra do Espírito Santo através de nós.

A Resposta da Igreja

Discipulado

As pesquisas realizadas por várias instituições cristãs revelam que a maioria dos jovens adultos que frequentaram a igreja na infância e na adolescência já não servem a Cristo. Seus estilos de vida não refletem um forte apego ao ensino bíblico. Parece que o ministério de crianças na igreja local tem se distanciado de seu propósito original: levar as crianças a Cristo e ajudá-las a tornarem-se discípulos maduros.¹⁶

Responsabilidade

Para que a igreja possa inverter este quadro, e desenvolver estratégias que discipulem eficazmente as crianças, temos primeiro que compreender e aceitar nossa responsabilidade. Tanto o Antigo como o Novo Testamento contêm passagens que claramente traçam a responsabilidade do desenvolvimento espiritual das crianças não somente à família, mas também à comunidade de crentes, ou seja, a igreja local.

O autor do Salmo 78 estava instruído a comunidade israelita quando disse: “Escutai a minha lei, povo meu” (v. 1). Disse mais: “Não os encobriremos aos seus filhos (a comunidade israelita não encobrirá as leis de Deus), mostrando à geração futura os louvores do SENHOR, assim como a sua força e as maravilhas que fez” (v. 4). Qual haveria de ser o resultado disso? “para que a geração vindoura a soubesse, e os filhos que nascessem se levantassem e a contassem a seus filhos” (v. 6).

O autor de Efésios descreve a responsabilidade da igreja quanto ao discipulado empregando frases como “querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério”, “até que todos cheguemos a... varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo”, e “cresçamos em tudo... Cristo” (4:11-16). Frequentemente deduzimos que esta passagem se refere ao discipulado dos adultos e não das crianças. Todavia, nos capítulos 5 e 6 da mesma epístola, Paulo dá instruções específicas aos maridos, às esposas, aos pais, aos filhos, aos escravos e aos senhores. A inclusão dos filhos no discurso paulino indica claramente que Paulo considerava que as crianças eram membros do corpo de Cristo, e que têm necessidade da instrução espiritual e da disciplina.

Transformadora

A igreja não só deve tornar-se responsável pelo desenvolvimento espiritual das crianças e jovens, mas também deve ter um conhecimento correto sobre o que é o discipulado. Frequentemente, a igreja equipara o discipulado com o conhecimento bíblico. Os programas para as crianças se focam em aprender as histórias da Bíblia e a memorizar as dados e passagens bíblicas. Embora o conhecimento bíblico seja fundamental para o discipulado, a essência do discipulado não é a informação. Jesus não só nos pediu para ensinarmos tudo o que Ele tem mandado, mas também ensinarmos as pessoas a guardarem tudo o que Ele tem mandado (Mateus 28:19). O resultado final do discipulado não é o mero conhecimento de tudo o que Jesus tem mandado, mas a obediência a tudo o que nos tem mandado.

Intencional

Quando desenvolvemos um plano de discipulado para as crianças de nossas congregações, devemos levar em conta o objetivo do mesmo:

- O que queremos que as crianças saibam?
- O que queremos que as crianças façam?
- O que queremos que as crianças cheguem a ser?

Para discipular eficazmente as crianças, é necessário três elementos: a oração, a relação e o conteúdo. Estes elementos não devem aparecer casualmente, mas devem ser usados de maneira intencional e estratégica.

Oração

Através das Escrituras, entendemos que o discipulado transformador é [uma] obra de Deus. Filipenses 1:6 diz: “Tendo por certo isto mesmo: que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo”. Filipenses 2:13 diz: “porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade”.

Nossa dependência de Deus sempre é demonstrada mediante a oração. Podemos ver esta dependência na pessoa de Jesus, quando corrigiu a Pedro durante Sua última ceia com os discípulos:

“Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo. Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos.” (Lucas 22:31, 32).

“Simão, Simão, Satanás pediu vocês para peneirá-los como trigo. Mas eu orei por você, para que a sua fé não desfaleça. E quando você se converter, fortaleça os seus irmãos”. (Lucas 22:31, 32, NVI).

Os ministérios de discipulado efetivo nascem na oração e são sustentados pela oração constante. Os indivíduos e os grupos de pessoas na comunidade da fé são os que oram pelas crianças. Estas orações são constantes e específicas. Desta maneira se ensina às crianças o valor da oração, aprendem a orar, e tomam parte ativa no ministério de oração.

Relação

Os ministérios de discipulado mais eficazes são os ministérios que enfatizam as relações. Jesus reconheceu a poderosa influência de uma relação. Marcos 3:14 diz que Ele escolheu doze homens “para que estivessem com ele”. Eles se tornaram discípulos no contexto de uma relação. As crianças nunca chegarão a serem Cristocêntricas apenas através de programas e eventos, mas chegarão a ser verdadeiros discípulos no contexto das relações. Reiteramos que os ministérios de discipulados eficazes têm que planejar de maneira estratégica a fim de desenvolver relações significativas entre a criança e sua família, a congregação e os ministros de crianças.

Conteúdo

O último elemento do discipulado é o conteúdo. Devemos examinar cuidadosamente o conteúdo que estamos ensinando às crianças porque seu sistema de crenças se forma antes de chegarem à adolescência. No ministério de crianças temos a oportunidade de ajudar a formar um sistema de crenças que esteja em harmonia com as verdades da Palavra de Deus. Como faremos isto?

Devemos ajudar as nossas crianças a obterem um conhecimento bíblico completo. Isto vai além de poder contar uma história bíblica ou recitar um versículo bíblico, pois é um conhecimento que inclui o seguinte:

Compreender as verdades bíblicas principais.

Memorizar versículos bíblicos que afirmem estes princípios e dêem idéias sobre como pôr em prática a verdade bíblica.

Aplicar corretamente as verdades bíblicas às situações da vida, de modo que as respostas da criança dêem honra a Deus.

A capacidade de usar a Bíblia e as ferramentas básicas de estudo bíblico para que a criança possa estudar a Palavra de Deus de maneira independente.

As Crianças no Ministério

“O que aconteceria se conseguíssemos que as crianças se animassem a colocar sua fé em prática desde uma idade bem tenra? Talvez a geração vindoura se levantaria com o conceito de que servir é simplesmente um estilo de vida para o seguidor de Cristo”.¹⁷

Através do Antigo e Novo Testamento, podemos conhecer a crianças que participaram do ministério. Miriã velou por seu irmão Moisés quando era apenas um bebê. A escrava israelita deu testemunho ao seu incrédulo amo Naamã, e ele recebeu cura. Josias, que foi coroado rei aos oito anos, trouxe reformas religiosas para Israel. Uma criança compartilhou seu almoço, o que permitiu que cinco mil pessoas fossem alimentadas. As crianças no templo reconheceram Jesus como o Filho de Deus, e exclamaram seus louvores.

O exemplo bíblico mais importante das crianças no ministério é talvez, o caso do serviço de Samuel no tabernáculo. As Escrituras nos dizem que Samuel ministrou diante do Senhor, e desde criança vestia um éfode de linho (1 Samuel 2:18). Os primeiros capítulos de 1 Samuel nos falam também que Samuel ascendia as lâmpadas e abria as portas do tabernáculo (1 Samuel 3:15).

O ministério de Samuel nos ajuda a entender que as crianças podem servir a Deus de maneira prática. Assim como Samuel ascendia as lâmpadas e abria as portas do tabernáculo, assim também as crianças em nossas igrejas locais podem saudar os visitantes, servir de porteiros, cuidar das crianças menores (com a devida supervisão de um adulto), ajudar com os deveres de limpeza e manutenção, servir nos grupos encarregados de assuntos tecnológicos, e muito mais. Contudo, as crianças também podem ministrar diante do Senhor, assim como fez Samuel. Com um treinamento inspirador e prático, as crianças podem chegar a ser poderosas intercessoras, testemunhas e adoradoras. À medida que elas ministram diante do Senhor, podemos ajudá-las a identificar e desenvolver seus dons espirituais, dons tais como dar, presidir, ensinar, pastorear, evangelizar, curar, e muito mais.

Estatisticamente falando, é certo que muitas crianças decidem abandonar a igreja quando chegam a ser adultos jovens. Em troca, o que aconteceria se as fizéssemos participar desde crianças na obra do reino? O que aconteceria se as desafássemos a descobrirem e cumprirem HOJE o propósito de Deus para suas vidas? O que aconteceria se as convidássemos para ministrar diante do Senhor sendo ainda crianças? Se lhes ensinarmos a participarem do ministério, não somente lhes estaremos dando oportunidades para o crescimento espiritual, mas também para identificar e desenvolver seus dons espirituais.

Recomendações

Nós recomendamos:

1. Que a Igreja de Deus da Profecia dê prioridade a esta faceta do ministério na declaração de visão e de missão, de modo que cada igreja local valorize as crianças e promova o crescimento espiritual delas.
2. Que cada igreja local avalie sua perspectiva atual sobre as crianças e o ministério de crianças, usando uma ferramenta de diagnóstico que o escritório do Ministério Internacional de Crianças já tenha à sua disposição.
3. Que cada igreja local planeje e desenvolva um modelo de ministério que inclua a evangelização das crianças inconversas e o discipulado contínuo de todas as crianças.
4. Que cada pastor defenda o valor das crianças e do ministério de crianças, e que assuma um papel ativo para certificar-se de que indivíduos qualificados liderem o ministério de crianças.
5. Que cada igreja local promova um ambiente seguro mediante o uso da Póliza [sic, “Política”] Proteção para Crianças, Jovens e Trabalhadores da Igreja de Deus da Profecia.
6. Que cada igreja local supra recursos (humanos, físicos e financeiros) para respaldar um ministério de crianças eficaz.
7. Que cada igreja local promova treinamento ministerial e desenvolvimento da liderança para aqueles que ministram as crianças. Os recursos e eventos para ambos estão disponíveis através do escritório do Ministério Internacional de Crianças.
8. Que cada igreja local respalde, dê recursos e oriente as famílias, de modo que possam alcançar a meta de prover formação espiritual para seus filhos.
9. Que cada igreja local seja sensível e receptiva às famílias diversas e destruídas.
10. Que cada igreja local promova um ambiente que convide as crianças a serem salvas, viverem uma vida santa, e receberem o batismo do Espírito Santo.
11. Que se incluam as crianças na vida e adoração da igreja local.
12. Que se instrua as crianças crentes no significado dos sacramentos (ou seja, o batismo e a Santa Ceia) e se lhes dê a oportunidade de participar, sob a direção dos líderes da igreja e dos pais cristãos.
13. Que os dons espirituais das crianças sejam reconhecidos e desenvolvidos, de modo que estejam preparadas para uma vida de serviço tanto agora quanto no futuro.

Bibliografia

Bunge, Marcia J. (Editor). *The Child in the Bible*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 2008.

Catterton Aolen, Holly (Editor). *Nurturing Children's Spirituality: Christian Perspectives and Best Practices*. Eugene, OR: Cascade Books, 2008.

Duckert, Mary. *New Kid in the Pew: Shared Ministry with Children*. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1991.

Lockyer, Herbert. *All the Children of the Bible*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1970.

Stonehouse, Catherine. *Joining Children on the Spiritual Journey*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1998.

Schuele, Andreas and Günter Thomas (Editors). *Who is Jesus Christ for Us Today?* Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2009.

Zuck, Roy B. *Precious in His Sight: Childhood and Children in the Bible*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1996.

Gregorio de Nacianzo. *Homilía sobre o Santo Batismo* [Homilía #40, parágrafo 17], (ano 388 d.C.).

Ireneu, *Contra as Heresias*, Livro II, 22:4 (ano 185 d.C.).

João Crisóstomo (fragmento citado na Christian Reading, 1838, Parte 4, pág. 242).

João Crisóstomo. *On Vainglory and The Right Way for Parents to Bring Up Their Children*. Translated by Max Laistner. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1951.

Bíblia: Versão Reina-Valera 1909 [RVA 1909].

Recursos na Internet

<http://www.reformed.org/social/index.html?mainframe=http://www.reformed.org/sacramentology/tl/paedo.html>, The History of Paedocommunion: From the Early Church Until 1500 (16 de abril de 2013).

<http://www.faqs.org/childhood/Ch-Co/Communion-First.html>, “First Communion”, in *Encyclopedia of Children and Childhood in History and Society*.

<http://www.dr-fnlee.org/docs4/cvcc/cvcc.pdf>, Calvin Versus Child Communion.

<http://orthodoxinfo.com/praxis/parenting.aspx>, Admonitions for Parents—Lessons by Our Holy Father, John Chrysostomos on Raising Children.

¹Bíblia, versão Reina-Valera Antiga (Salmo 8:4, 5).

²Ibid. (Salmo 139:15, 16).

³Ibid. (Salmo 24:1).

⁴Roy B. Zuck, *Precious in His Sight: Childhood and Children in the Bible* (Grand Rapids: Baker Books, 1996), pág. 82.

⁵Terrence E. Fretheim, “‘God Was With the Boy’ (Genesis 21:20): Children in the Book of Genesis,” in *The Child in the Bible*, ed. Marcia J. Bunge (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 2008), pág. 13.

⁶Marcia J. Bunge, “Children, the Image of God, and Christology,” in *Who is Jesus Christ for Us Today?: Pathways to Contemporary Christology*, ed. Andreas Schuele and Günter Thomas (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2009), págs. 167-174.

⁷Ibid., págs. 167-174.

⁸Warren Carter, “Matthew,” in *The New Interpreter’s Study Bible: NRSV with the Apocrypha* (Nashville: Abingdon Press, 2003), pág. 1178.

⁹Gregorio de Nacianzo, *Homilía sobre o Santo Batismo* [Homilía #40, parágrafo 17], (ano 388 d.C.).

¹⁰Ireneu, *Contra as Heresias*, Livro II, 22:4 (ano 185 d.C.).

¹¹João Crisóstomo (fragmento citado na *Christian Reading*, 1838, Parte 4, pág. 242).

¹²Ibid.

¹³João Crisóstomo, *On Vainglory and The Right Way for Parents to Bring Up Their Children*, trans. Max Laistner (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1951).

¹⁴Minutes of the Annual Assembly of the Churches of East Tennessee, North Georgia and Western North Carolina, Held January 26 & 27 1906, at Camp Creek, N.C., pág. 8.

¹⁵Minutes of the Seventh Assembly Of the Churches of God, Held at Cleveland, Tenn., January 9-14, 1912, pág. 26, págrafos 3 e 4.

¹⁶Ivy Beckwith, *Postmodern Children’s Ministry* (Grand Rapids: Zondervan, 2004), pág. 911.

¹⁷Jane Carr, “Equipping Children for Ministry,” in *Nurturing Children’s Spirituality: Christian Perspectives and Best Practices*, ed. Holly Catterton Allen (Eugene, OR: Cascade Books, 2008), págs. 198, 199.